

Em Moçambique, fortes diferenças regionais marcam o medo da violência extremista e eleitoral

Afrobarometer Despacho No. 370 | David Jacobs e Thomas Isbell

Resumo

Embora a guerra civil de Moçambique tenha terminado em 1992, a violência voltou a explodir em 2013, quando o partido da oposição, RENAMO, renovou sua insurgência contra o governo da FRELIMO. Ambos os lados são acusados de crimes de guerra em um conflito cujos analistas do número de mortos estimam em cerca de 1 milhão (France24, 2019). Uma paz acordada em Agosto de 2019 permanece provisória, pois um pequeno número de rebeldes da RENAMO prometeu não depor suas armas (Mail & Guardian, 2019).

Durante este período frágil, outra crise violenta começou: o surgimento de uma insurgência islâmica. Um grupo chamado Ansar al-Sunnah recentemente deixou claro em um vídeo publicado online que pretende substituir o governo de Moçambique por um regime de sharia (Ewi & Louw-Vaudran, 2020; Habibe, Forquilha, & Pereira, 2019; West, 2018). Ao lidar com a pandemia do COVID-19, o governo Moçambicano enfrenta a violência islâmica e as consequências frágeis da insurgência da RENAMO.

A violência em Moçambique tem sido amplamente concentrada nas províncias da Zambézia e Inhambane, respetivamente bases de operações da RENAMO e FRELIMO há décadas nas partes central e sul do país, e Cabo Delgado no extremo Norte, o ponto focal de ataques da Ansar al-Sunnah. A resposta do governo à violência islâmica até agora tem sido predominantemente militar, que corre o risco de alienar a população local e agravar as queixas subjacentes herdadas da insurgência da RENAMO e da guerra civil (Matsinhe & Valoi, 2019).

Neste despacho, usamos os dados da pesquisa da Afrobarometer para examinar as experiências e avaliações dos Moçambicanos no início da insurgência da Ansar al-Sunnah e o acordo de paz provisório com a RENAMO. Em meados de 2018, os temores populares de violência estavam diminuindo, a confiança nas forças armadas estava se recuperando e mais cidadãos aprovaram do que desaprovaram do tratamento do governo pela violência extremista. Embora essas atitudes possam ter evoluído junto com os conflitos, elas fornecem uma visão básica das atitudes populares à medida que o governo luta para enfrentar várias ameaças à paz e à estabilidade.

Pesquisa da Afrobarometer

A Afrobarometer é uma rede de pesquisa pan-Africana e apartidária que fornece dados confiáveis sobre as experiências Africanas e avaliações da democracia, governança, e qualidade de vida. Sete rodadas de pesquisas foram realizadas entre 1999 e 2018 em até 38 países. Pesquisas da 8 Rodada em 2019/2020 estão planeadas em pelo menos 35 países. A Afrobarometer realiza entrevistas cara-a-cara no idioma da escolha do respondente com amostras nacionalmente representativas.

A Ipsos Moçambique, parceira nacional da Afrobarometer em Moçambique, entrevistou uma amostra probabilística estratificada aleatória, nacionalmente representativa de 1.200 adultos moçambicanos entre 13 de Junho e 26 de Agosto de 2018. Uma amostra deste tamanho produz resultados com uma margem de erro de +/- 3 pontos percentuais e um nível de confiança de 95%. Inquéritos anteriores foram realizadas em Moçambique em 2002, 2005, 2008, 2012, e 2015.

Principais conclusões

- Cerca de um terço dos Moçambicanos disseram temer a violência extremista (33%) ou a violência em eventos políticos (35%) ou protestos públicos (33%) nos dois anos anteriores. Quase um em cada 10 disseram ter pessoalmente passado por essa violência.
 - Tanto a experiência quanto o medo da violência extremista foram mais comuns entre os entrevistados mais pobres do que entre os que estavam em melhor situação. A experiência de violência extremista foi mais comum em Inhambane (20%) e Cabo Delgado (14%), embora o medo (sem experiência de violência) foi mais alto na Zambézia (49%) e Nampula (31%).
- Quase metade (46%) dos Moçambicanos disseram que o governo estava a fazer um bom trabalho ao lidar com o extremismo violento, enquanto 38% discordam. Avaliações positivas do desempenho do governo foram mais comuns entre os entrevistados mais instruídos e economicamente mais abastados.
 - Nas províncias do norte de Niassa e Cabo Delgado, onde a insurgência da Ansar al-Sunnah tem sido mais ativa, a maioria dos cidadãos desaprovaram do desempenho do governo contra extremistas armados (59% e 53%, respetivamente).
- A confiança popular no exército se recuperou após um declínio acentuado em 2016, subindo para 68% que disseram confiar nos militares "um pouco" ou "muito."
- Apenas quatro em cada 10 Moçambicanos (40%) disseram que as forças armadas "frequentemente" ou "sempre" operam de maneira profissional e respeitam os direitos de todos os cidadãos. Em Cabo Delgado, apenas um em cada cinco entrevistados (22%) concordaram.

Medo e experiência de violência

Cerca de um em cada três Moçambicanos disseram que temia a violência em eventos políticos (35%) ou protestos públicos (33%) ou através de um ataque de extremistas políticos ou religiosos (33%) durante os dois anos anteriores à pesquisa, incluindo quase um em cada 10 que disseram ter pessoalmente passado por essa violência. Cerca de seis em cada 10 relatou nem medo nem experiência pessoal desses tipos de violência (Figura 1).

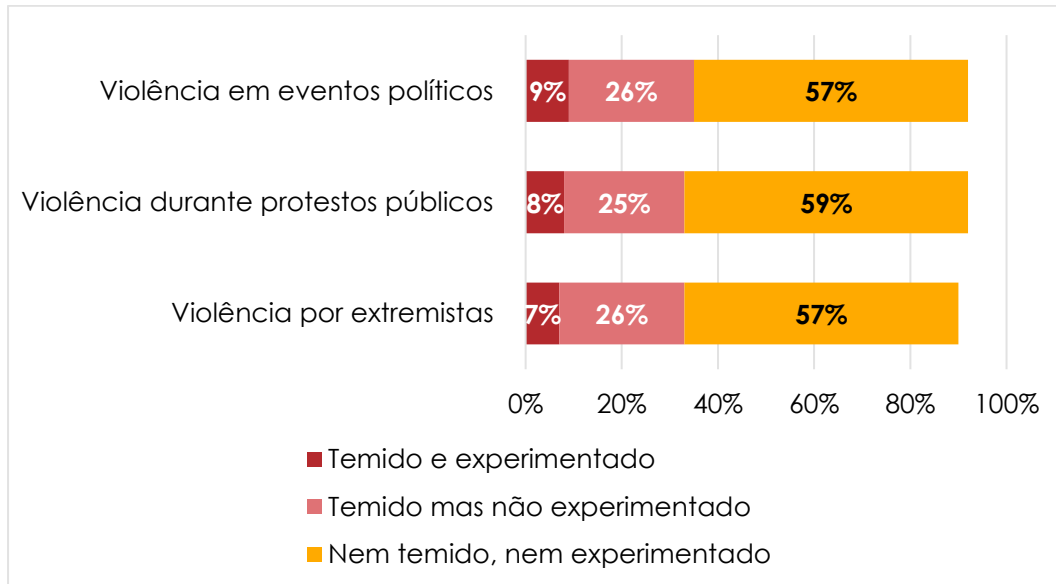
Tanto a experiência quanto o medo da violência extremista eram mais comuns entre os entrevistados pobres do que entre os que estavam em melhor situação. Por exemplo, aqueles com alta pobreza¹ vivida tinham duas vezes mais chances de relatar que sofreram violência extremista (11% vs. 4%) e quase duas vezes mais chances de dizer que temiam mas não sofreram tal violência (28% vs. 15%) (Figura 2).

Por outro lado, o medo da violência extremista aumentou com o nível de educação dos entrevistados, embora a experiência real dessa violência não tenha aumentado. Os

¹ O Índice da Pobreza Vivida (IPV) da Afrobarometer mede os níveis de privação material do entrevistado perguntando quantas vezes ele ou sua família ficou sem necessidades básicas (suficiente comida, água cuidados médicos, óleo de cozinha e renda em dinheiro) durante o ano anterior. Para mais sobre a pobreza vivida, veja Mattes (2020).

entrevistados jovens e de meia-idade eram mais propensos do que os mais velhos a dizer que temiam a violência extrema, mas um pouco menos propensos a relatar realmente experimentá-la.

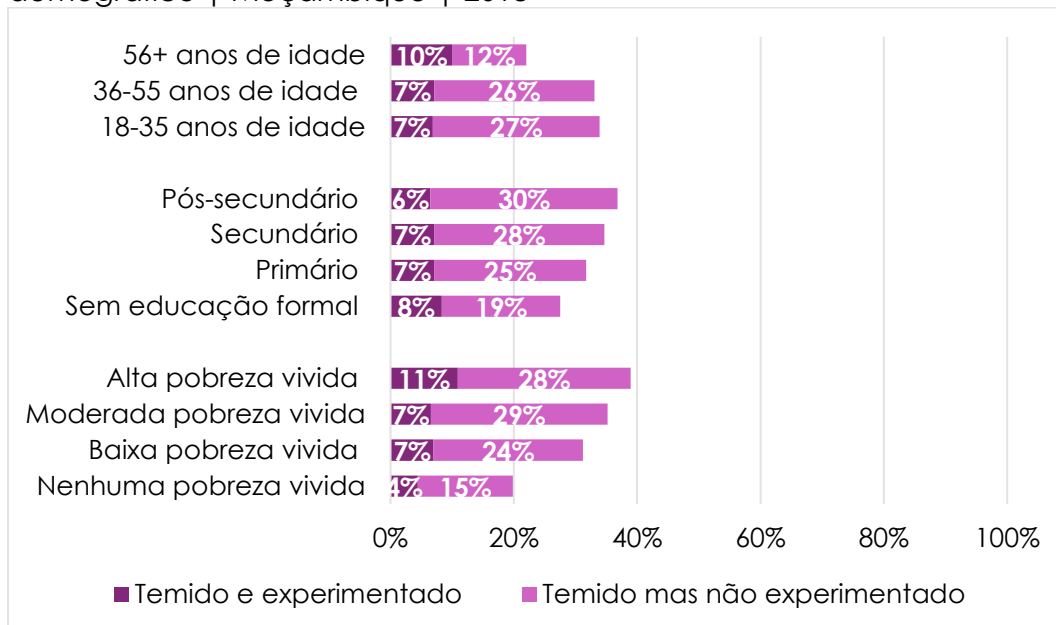
Figura 1: Medo e experiência de violência | Moçambique | 2018



Perguntas aos entrevistados: Em qualquer sociedade, às vezes as pessoas discordam entre si. Estas divergências ocasionalmente se transformam em violência física. Por favor, diga-me se nos últimos dois anos, você pessoalmente já teve medo de algum dos seguintes tipos de violência. [Se sim] Você realmente viveu pessoalmente este tipo de violência nos últimos dois anos?

- Violência num comício político ou evento de campanha?
- A violência que ocorre durante um protesto público ou marcha?
- Um ataque armado por extremistas políticos ou religiosos?

Figura 2: Medo e experiência de violência por extremistas | por grupo socio-demográfico | Moçambique | 2018

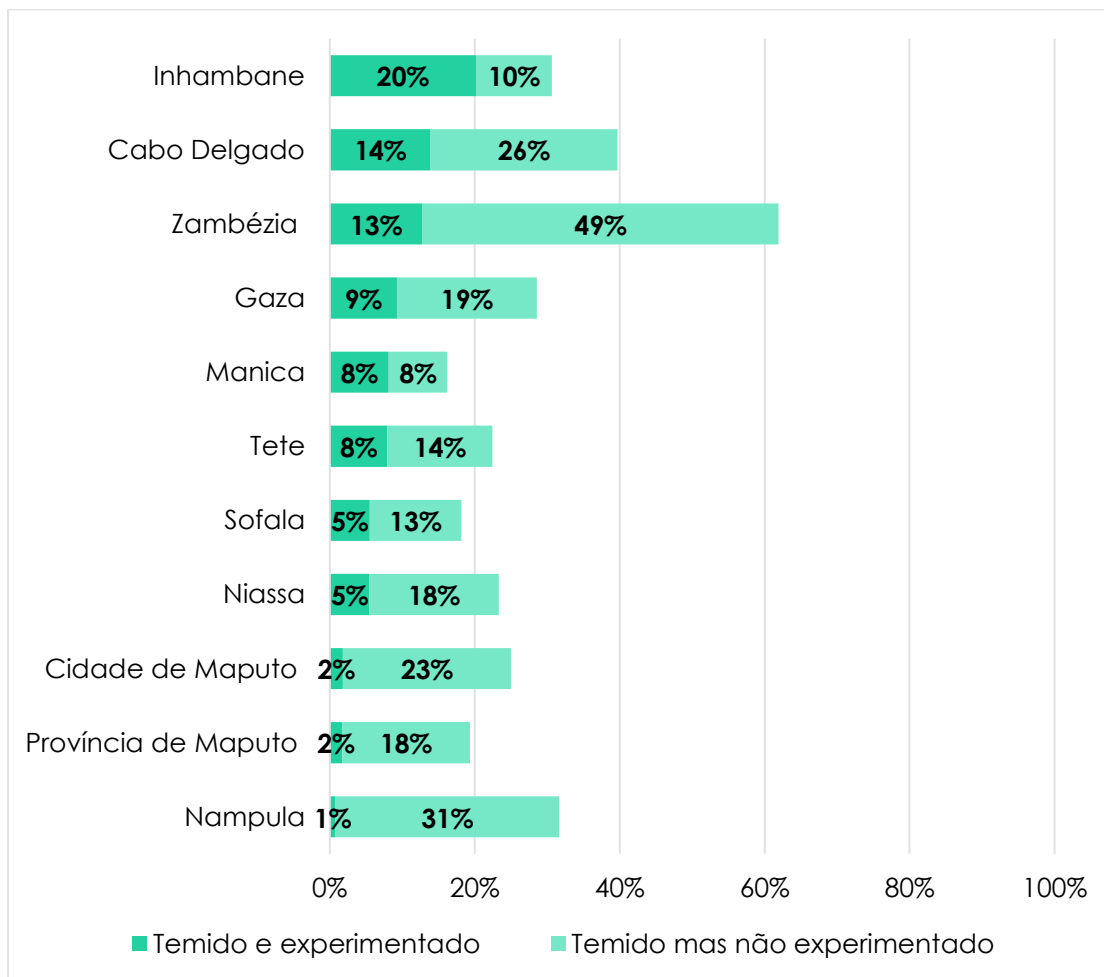


Perguntas aos entrevistados: Por favor, diga-me se nos últimos dois anos, você pessoalmente já teve medo de algum dos seguintes tipos de violência: Um ataque armado por extremistas políticos ou religiosos? [Se sim:] Você realmente viveu pessoalmente este tipo de violência nos últimos dois anos?

A experiência relatada de violência extremista foi mais alta nas províncias de Inhambane (20%), Cabo Delgado (14%), e Zambézia (13%) (Figura 3). Além disso, na Zambézia, metade (49%) de todos os entrevistados disseram temer (sem experimentar) a violência extremista, provavelmente refletindo a história da província como reduto da FRELIMO durante a guerra civil.

Mas mesmo nas províncias em que pouquíssimas pessoas disseram ter sofrido violência por extremistas, como Maputo (2%) e Nampula (1%), proporções substanciais indicaram medo de ataques.

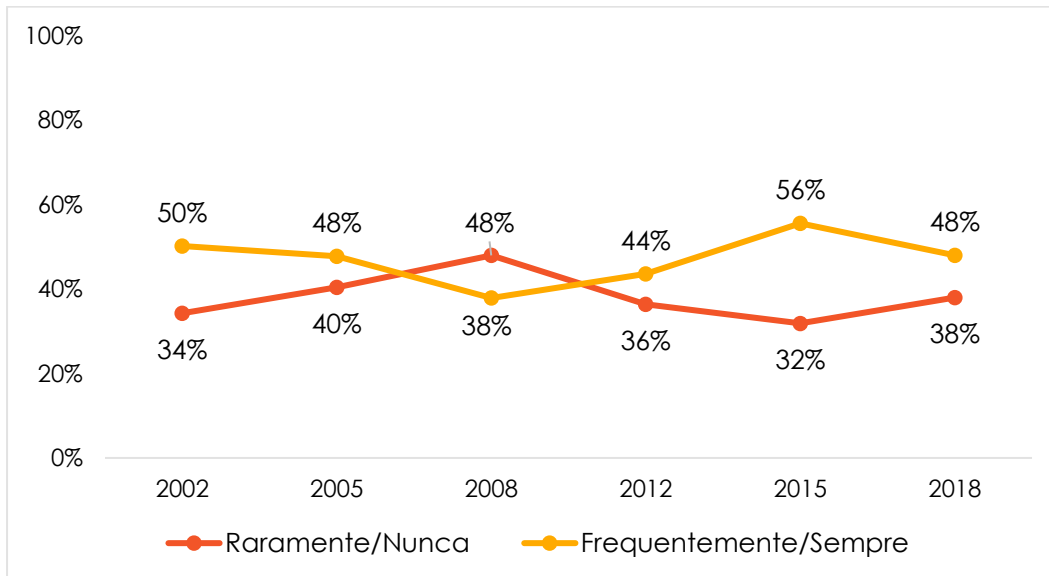
Figura 3: Medo e experiência de violência por extremistas | por província
 | Moçambique | 2018



Perguntas aos entrevistados: Por favor, diga-me se nos últimos dois anos, você pessoalmente já teve medo de algum dos seguintes tipos de violência: Um ataque armado por extremistas políticos ou religiosos? [Se sim:] Você realmente viveu pessoalmente este tipo de violência nos últimos dois anos?

Dado o histórico de guerra civil e insurgência de Moçambique, talvez não seja surpreendente que uma pluralidade (48%) dos entrevistados tenha dito que a concorrência partidária "frequentemente" ou "sempre" leva a conflitos violentos. Isto reflete uma queda de 8 pontos percentuais desde 2016, embora seja bastante consistente com as observações registradas desde 2002 (Figura 4).

Figura 4: Frequência em que a concorrência entre os partidos leva a conflitos violentos | Moçambique | 2002-2018



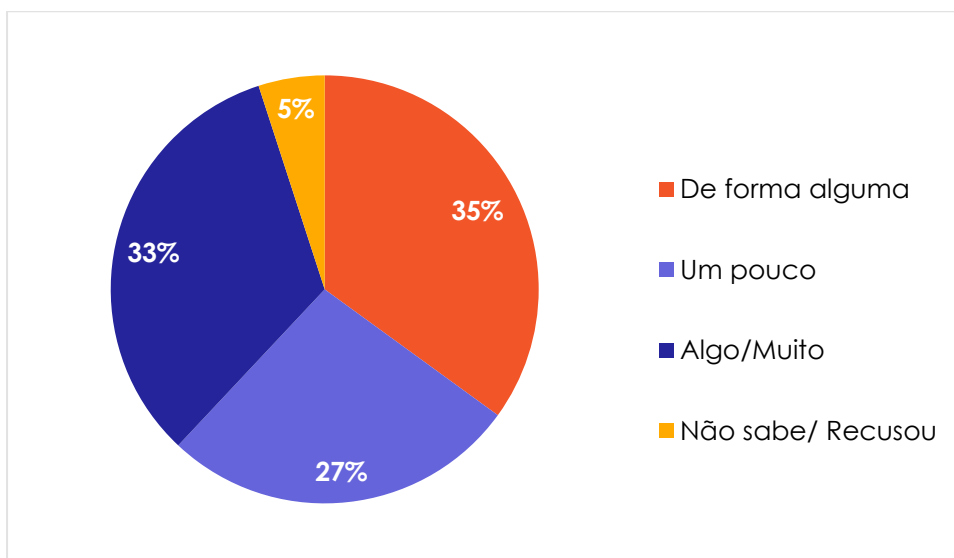
Pergunta aos entrevistados: Na sua opinião, com que frequência, neste país, a concorrência entre os partidos políticos leva a um conflito violento?

Violência durante eleições

Quando perguntados sobre a violência durante as campanhas eleitorais, um terço (33%) dos Moçambicanos disseram temer intimidação ou violência política "um pouco" ou "muito." Cerca de um quarto (27%) expressaram "um pouco" de medo, enquanto 35% disseram que não temiam a violência relacionada à campanha (Figura 5).

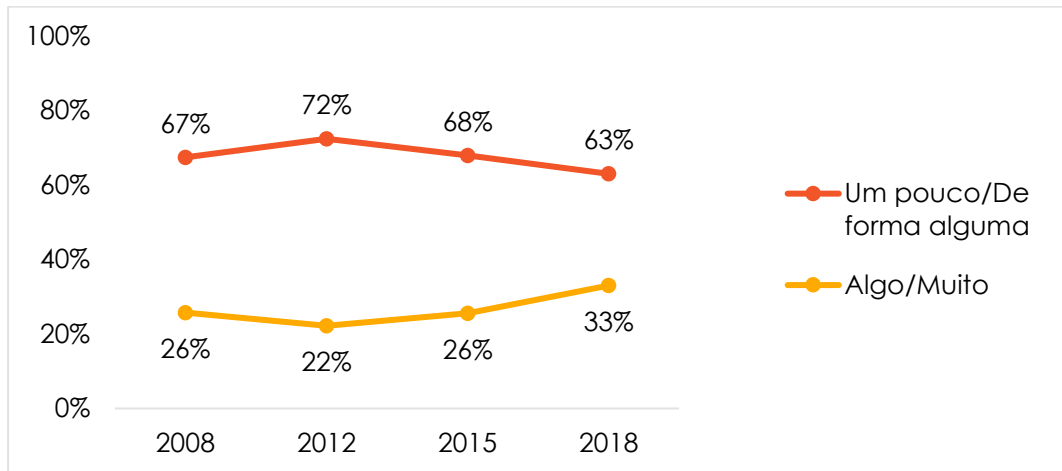
O medo de intimidação e violência relacionadas às eleições aumentou 11 pontos percentuais entre 2012 (22%) e 2018 (33%) (Figura 6).

Figura 5: Quanto temem a intimidação política ou a violência durante as campanhas eleitorais | Moçambique | 2018



Pergunta aos entrevistados: Durante as campanhas eleitorais neste país, o quanto você pessoalmente tem medo de se tornar uma vítima de intimidação política ou violência?

Figura 6: Medo de intimidação política ou violência durante campanhas eleitorais
 | Moçambique | 2008-2018



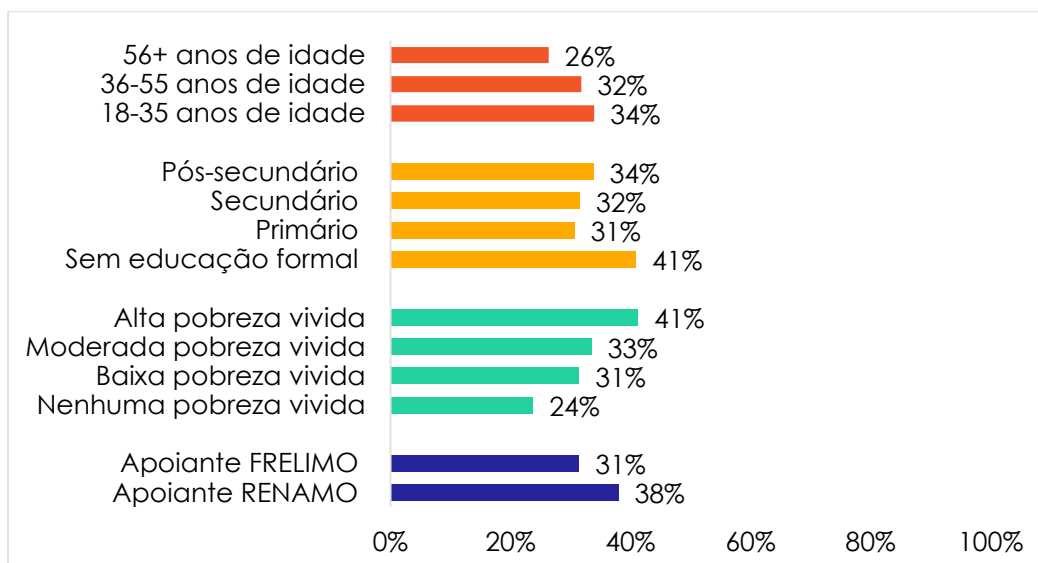
Pergunta aos entrevistados: Durante as campanhas eleitorais neste país, o quanto você pessoalmente tem medo de se tornar uma vítima de intimidação política ou violência?

Os entrevistados sem educação formal e de alta pobreza vivida eram mais propensos (41% cada) a dizer que temem intimidação ou violência relacionada às eleições. Os idosos (26% dos que têm mais de 55 anos) tinham menos probabilidade de expressar medo do que os mais jovens (Figura 7).

Os apoiantes da RENAMO (38%) eram mais propensos do que os seguidores da FRELIMO (31%) a dizer que temem a intimidação ou a violência relacionada às eleições "um pouco" ou "muito."

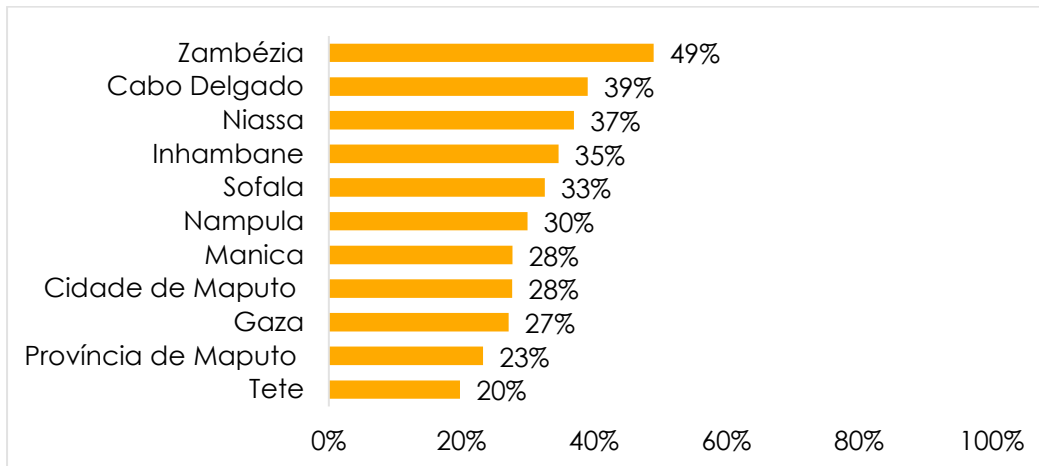
Metade (49%) dos residentes na Zambézia expressaram medo de intimidação ou violência relacionada às eleições, seguida por mais de um terço dos entrevistados em Cabo Delgado (39%), Niassa (37%), e Inhambane (35%) (Figura 8).

Figura 7: Medo de intimidação política ou violência durante campanhas eleitorais
 | por grupo socio-demográfico | Moçambique | 2018



Pergunta aos entrevistados: Durante as campanhas eleitorais neste país, o quanto você pessoalmente tem medo de se tornar uma vítima de intimidação política ou violência? (% que disseram "um pouco" ou "muito")

Figura 8: Medo de intimidação política ou violência durante campanhas eleitorais
 | por província | Moçambique | 2018



Pergunta aos entrevistados: Durante as campanhas eleitorais neste país, o quanto você pessoalmente tem medo de se tornar uma vítima de intimidação política ou violência? (% que disseram "um pouco" ou "muito")

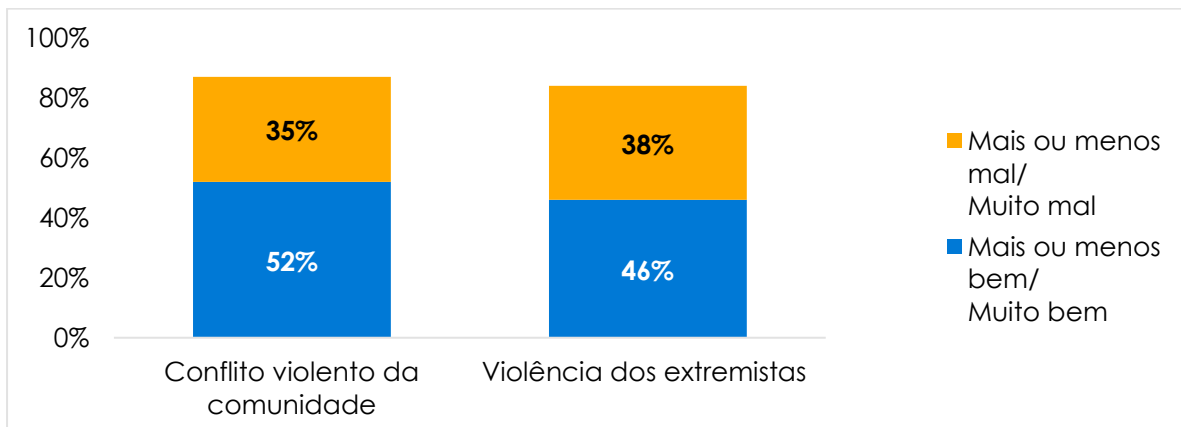
Resposta do governo à violência

Ao responder a incidentes de violência política ou extremista, o governo foi acusado de cometer violações dos direitos humanos e limitar severamente as informações. A Human Rights Watch e a Comissão Nacional de Direitos Humanos acusaram o governo de cometer tortura e assassinatos extrajudiciais, e os militares foram acusados de métodos aleatórios de contra-insurgência (Matsine & Valoi, 2019).

Em meados de 2018, os cidadãos estavam divididos em suas avaliações da resposta do governo à violência. Não exatamente metade (46%) disseram que o governo estava indo "um pouco bem" ou "muito bem" no combate à violência política de extremistas armados, mas quase o mesmo (38%) descreveu seu desempenho como "bastante" ou "muito" mal (Figura 9).

Quanto à prevenção de conflitos violentos na comunidade, mais da metade (52%) dos entrevistados deram nota positiva ao governo, enquanto cerca de um terço (35%) afirmaram que estava fazendo um mau trabalho.

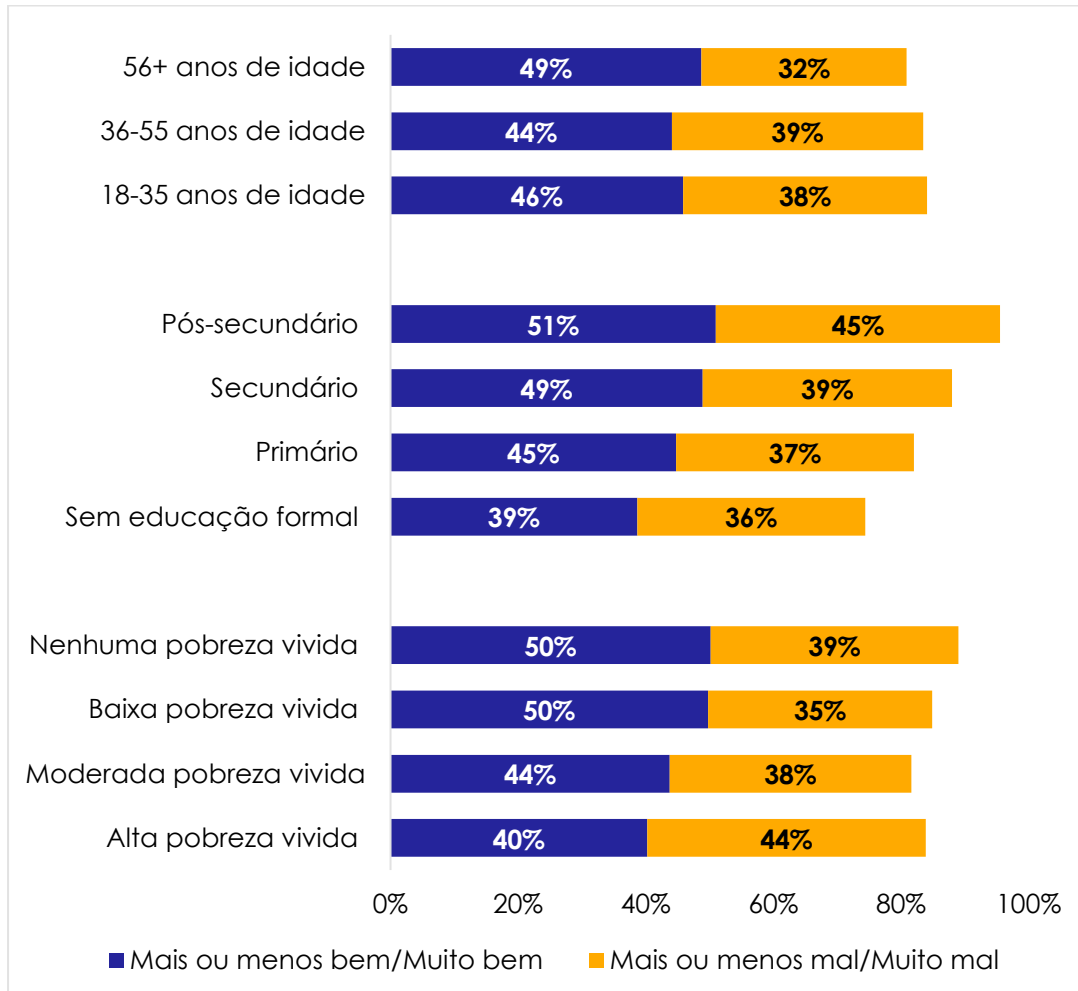
Figura 9: Avaliação da resposta do governo à violência | Moçambique | 2018



Perguntas aos entrevistados: O quão bem ou mal você diria que o atual governo está a lidar com as seguintes matérias, ou você não ouviu o suficiente para dizer: Prevenção ou resolução de conflitos violentos entre as comunidades? Combater a violência política de grupos extremistas armados?

Avaliações positivas do desempenho do governo no combate à violência extremista foram um pouco mais comuns entre os entrevistados mais velhos (49% daqueles com 56 anos ou mais), os mais instruídos (51% daqueles com qualificações pós-secundárias), e os economicamente melhores (50%) (Figura 10).

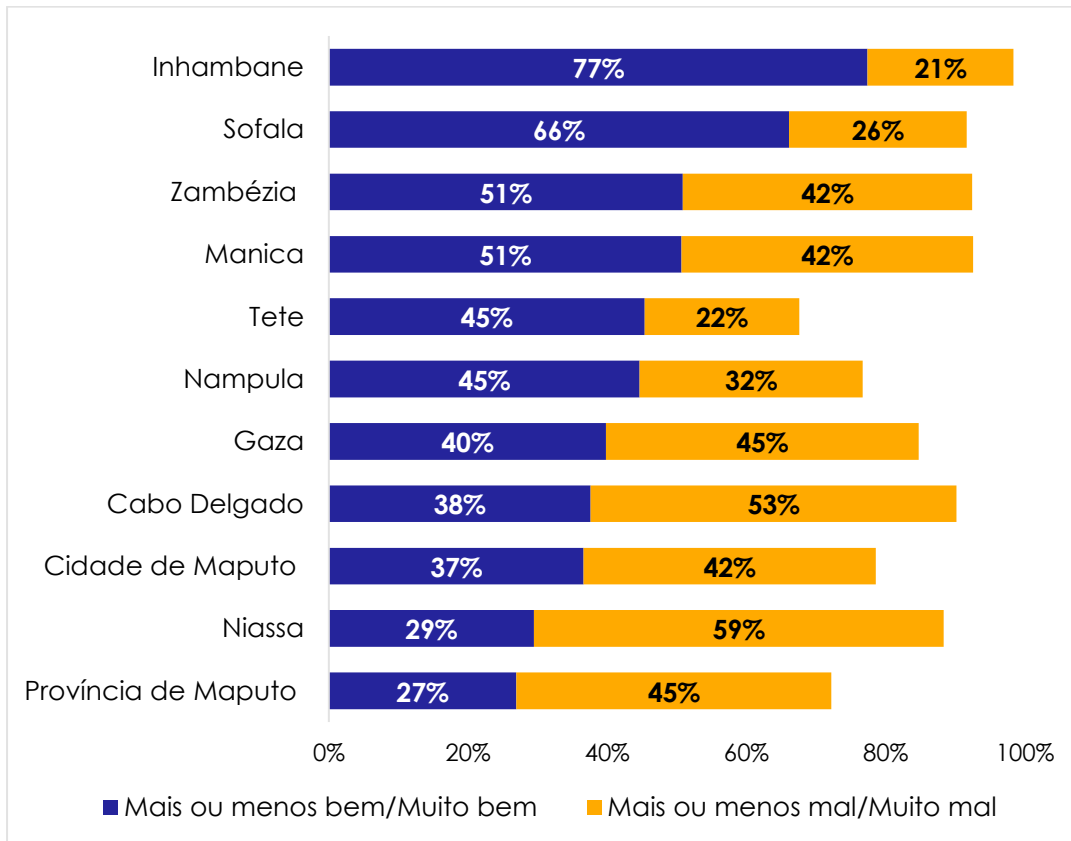
Figura 10: Desempenho do governo no combate à violência de extremistas armados | por grupo socio-demográfico | Moçambique | 2018



Pergunta aos entrevistados: O quão bem ou mal você diria que o atual governo está a lidar com as seguintes matérias, ou você não ouviu o suficiente para dizer: Combater a violência política de grupos extremistas armados?

Enquanto a província de Inhambane registou níveis relativamente altos de violência experimentada e o medo de violência relacionada a eleições decorrente do conflito RENAMO-FRELIMO, mais de três quartos (77%) dos entrevistados nesta província do sul disseram que o governo estava lidando com a violência extremista de forma justa/muito bem (Figura 11). Nas províncias de Niassa e Cabo Delgado, por outro lado, a maioria dos entrevistados desaprovaram do desempenho do governo contra extremistas armados (59% e 53%, respetivamente). Estas são as duas províncias do extremo norte, onde a insurgência de Ansar al-Sunnah se enraizou e tem sido mais ativa.

Figura 11: Desempenho do governo no combate à violência de extremistas armados | por província | Moçambique | 2018



Pergunta aos entrevistados: O quão bem ou mal você diria que o atual governo está a lidar com as seguintes matérias, ou você não ouviu o suficiente para dizer: Combater a violência política de grupos extremistas armados?

Condução de forças armadas

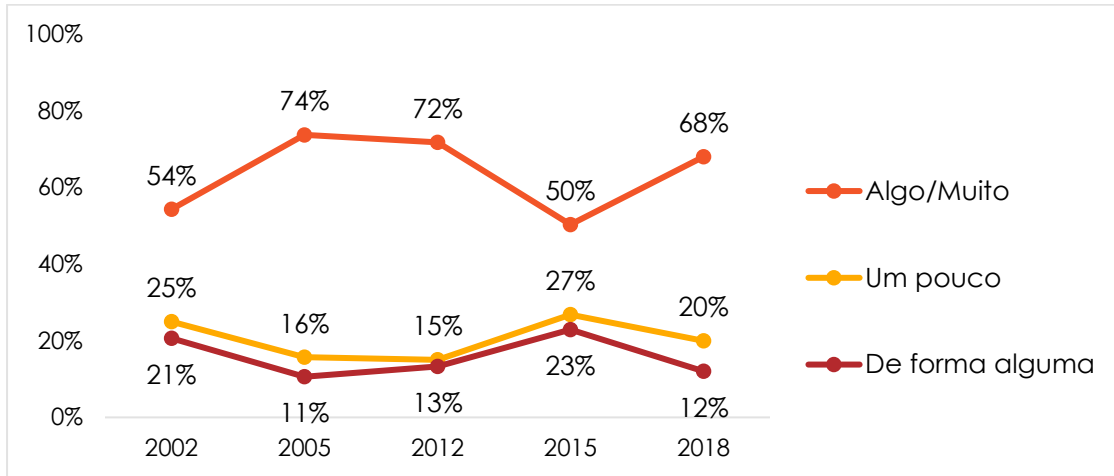
As forças armadas desempenharam um papel de liderança na tentativa de manter a estabilidade e combater a insurgência islâmica. Apesar das acusações de mão pesada (Matsinhe & Valoi, 2019), mais de dois terços (68%) dos Moçambicanos disseram confiar no

Faça sua própria análise dos dados da Afrobarometer - em qualquer pergunta, para qualquer país e rodada de pesquisa. É fácil e gratuito em www.afrobarometer.org/online-data-analysis.

exército "um pouco" ou "muito," e apenas um em cada oito (12%) disseram não confiar nas forças armadas (Figura 12). A confiança popular é um recurso importante porque afeta a extensão em que as pessoas estão dispostas a trabalhar com as forças de segurança (Hills, 2012).

A confiança no exército mostrou uma variação significativa nos últimos 16 anos, embora a proporção de cidadãos que confiam nas forças armadas "um pouco" ou "muito" nunca tenha caído para menos de metade. O resultado de 2018 reflete um aumento de 18 pontos percentuais em relação ao ponto mais baixo de 50% em 2016.

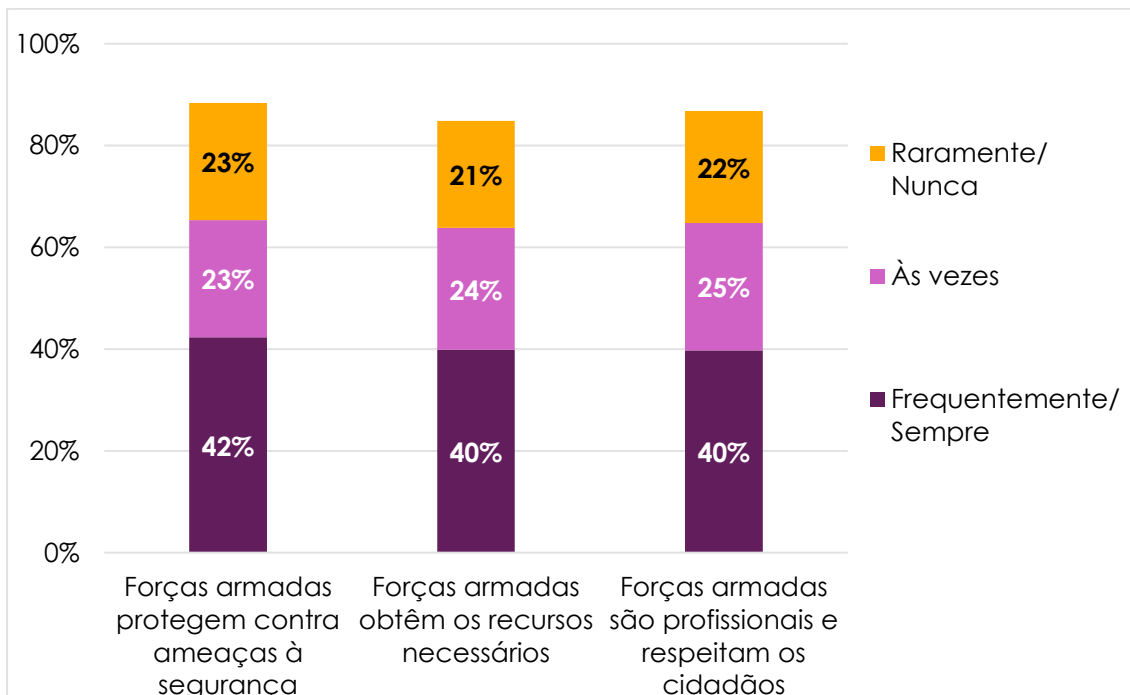
Figura 12: Confiança popular no exército | Moçambique | 2002-2018



Pergunta aos entrevistados: Quanto você confia em cada um dos seguintes, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre eles para dizer: O exército?

Uma variável-chave na relação civil-militar é como os cidadãos percebem que são tratados pelas forças armadas. Em 2018, o primeiro ano da insurgência de Ansar al-Sunnah, cerca de quatro em cada 10 entrevistados disseram que as forças armadas "frequentemente" ou "sempre" mantêm o país a salvo de ameaças externas e internas à segurança (42%), recebem treinamento e equipamentos que precisam para serem eficazes (40%), e operam de maneira profissional e respeitam os direitos de todos os cidadãos (40%) (Figura 13). Mais de um em cada cinco entrevistados (22%) disseram que o exército é "raramente" ou "nunca" profissional e respeitoso com os cidadãos.

Figura 13: Percepções das forças armadas | Moçambique | 2018

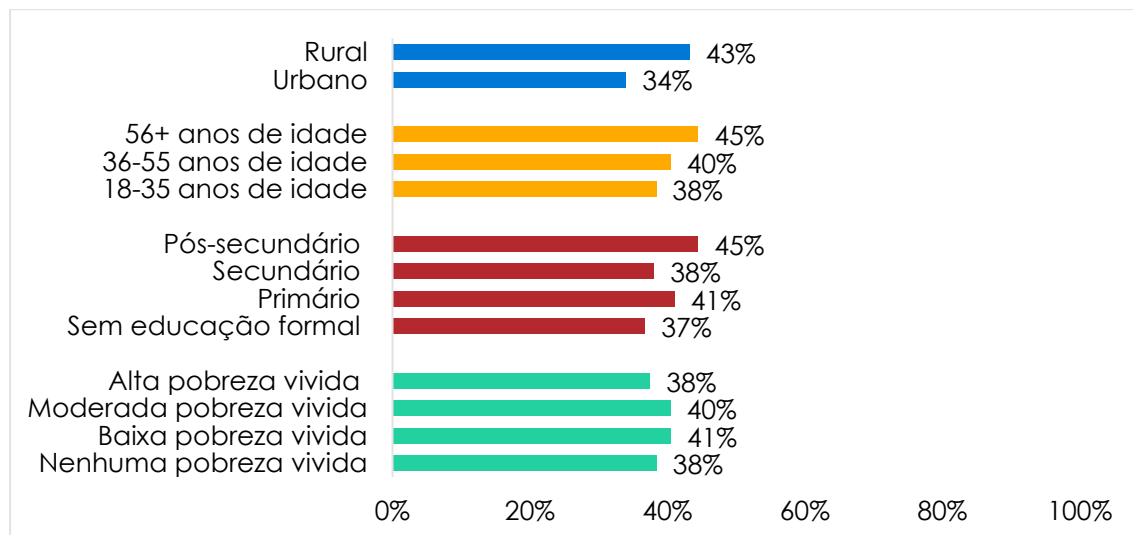


Perguntas aos entrevistados: Na sua opinião, até que ponto as forças armadas do nosso país: Mantém o nosso país seguro contra ameaças a segurança internas e externas? Obtém a formação e equipamento necessários para serem eficazes? Atuam de forma profissional e respeitam os direitos de todos os cidadãos?

A percepção de que as forças armadas operam de maneira profissional e respeitam os direitos dos cidadãos era um pouco mais comum entre os residentes rurais (43%), os entrevistados mais velhos (45% entre os que tinham mais de 55 anos), e os que tinham ensino superior (45%) (Figura 14). Apenas um terço (34%) dos moradores urbanos compartilharam essa opinião. Em todos os níveis de pobreza vivida, a maioria dos entrevistados consideraram, na melhor das hipóteses, "às vezes" que as forças armadas agem profissionalmente e com respeito aos direitos das pessoas.

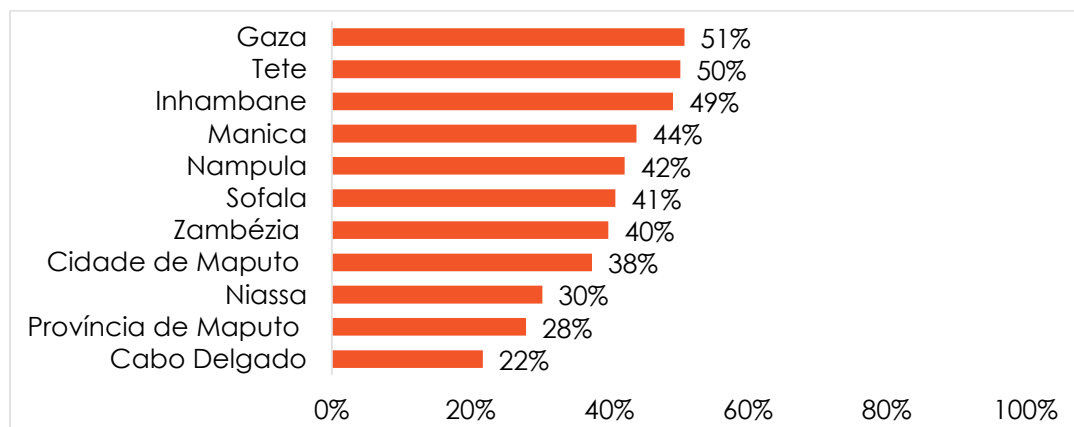
As opiniões sobre o profissionalismo militar e o respeito pelos direitos variaram fortemente de acordo com a província (Figura 15). Apenas em duas das 11 províncias pelo menos metade dos entrevistados disseram que o exército cumpre esse padrão de forma consistente: Gaza (51%) e Tete (50%). Menos de um terço dos entrevistados concordaram em Cabo Delgado (22%), Província de Maputo (28%) e Niassa (30%).

Figura 14: Forças armadas profissionais e respeitadoras dos direitos | por grupo socio-demográfico | Moçambique | 2018



Pergunta aos entrevistados: Na sua opinião, até que ponto as forças armadas do nosso país, atuam de forma profissional e respeitam os direitos de todos os cidadãos? (% que disseram "frequentemente" ou "sempre")

Figura 15: Forças armadas profissionais e respeitadoras dos direitos | por província | Moçambique | 2018



Pergunta aos entrevistados: Na sua opinião, até que ponto as forças armadas do nosso país, atuam de forma profissional e respeitam os direitos de todos os cidadãos? (% que disseram "frequentemente" ou "sempre")

Conclusão

A violência política em Moçambique é uma questão complexa, pois os medos e a experiência estão relacionados ao conflito entre fações e aos extremistas islâmicos. Este resumo das atitudes Moçambicanas em meados de 2018, durante o frágil período de insurgência pós-RENAMO e o início da violência de Ansar al-Sunnah, mostra que os temores populares de violência estavam diminuindo e a confiança nas forças armadas estava se recuperando. Pluralidades aprovaram da resposta do governo à violência extremista e disseram que os militares geralmente agem profissionalmente e respeitam os direitos dos cidadãos.

Mesmo assim, cidadãos em áreas com experiência de violência política e extremista já demonstravam níveis acima da média de medo e percepções negativas das forças armadas e do desempenho do governo, e o conflito contínuo entre extremistas islâmicos e forças de segurança pode ter reforçado essas percepções. E, embora não tenhamos evidências de que a legitimidade possa mudar do governo para os insurgentes, o manuseio incorreto da resposta do governo pode levar à continuação do status quo, mantendo as condições problemáticas que a insurgência pode continuar a explorar. Este é um problema grave em Moçambique, onde a violência islâmica se sobrepôs a medos remanescentes, apesar dos esforços de paz, da violência da rivalidade RENAMO-FRELIMO.

Referências

- Ewi, M., & Louw-Vaudran, L. (2020). Insurgents change tactics as Mozambique seeks help. Institute for Security Studies. 23 Abril.
- France24. (2019). Mozambique's former civil war foes sign landmark peace deal. 1 Agosto.
- Habibe, S., Forquilha, S. & Pereira, J. (2019). Islamic radicalization in northern Mozambique: The case of Mocímboa da Praia. Institute for Social and Economic Studies.
- Hills, A. (2012). Insurgency, counterinsurgency and policing. In P.B. Rich & I. Duyvesteyn (Eds.), *The Routledge Handbook of Insurgency and Counterinsurgency*. New York: Routledge.
- Mail & Guardian. (2019.) Mozambique rivals sign peace deal. 9 Agosto.
- Matsinhe, D.M., & Valoi, E. (2019). The genesis of insurgency in northern Mozambique. Institute for Security Studies.
- Mattes, R. (2020). Lived poverty on the rise: Decade of living-standard gains ends in Africa. Afrobarometer Documento de Política No. 62.
- West, S. (2018). Ansar al-Sunna: A new militant islamist group emerges in Mozambique. *Terrorism Monitor: In-Depth Analysis of the War on Terror*, 16(12), 5-7.

David Jacobs é ex-oficial da Marinha da África do Sul e diretor assistente no governo da Província do Cabo Ocidental na África do Sul. Email: djf.jacobs3@gmail.com.

Thomas Isbell é um estudante de doutorado na University of Cape Town na África do Sul. Email: tisbell@afrobarometer.org.

A Afrobarometer, uma corporação sem fins lucrativos com sede em Gana, dirige uma rede de pesquisa pan-africana e não-partidária. Coordenação regional de parceiros nacionais em cerca de 35 países é fornecida por Center for Democratic Development (CDD) no Gana, Institute for Justice and Reconciliation (IJR) na África do Sul, e Institute for Development Studies (IDS) da University of Nairobi, no Quênia. A Michigan State University (MSU) e a University of Cape Town (UCT) prestam apoio técnico à rede.

O apoio financeiro à Ronda 8 da Afrobarometer foi prestado pela Swedish International Development Cooperation Agency (SIDA), Mo Ibrahim Foundation, Open Society Foundations, William and Flora Hewlett Foundation, e U.S. Agency for International Development (USAID) através do U.S. Institute of Peace.

As doações ajudam a Afrobarometer a dar voz aos cidadãos africanos. Por favor considere fazer uma contribuição (em www.afrobarometer.org) ou contactar Bruno van Dyk (em bruno.v.dykj@afrobarometer.org) para discutir o financiamento institucional.

Para mais informações, visite www.afrobarometer.org.

Segue as nossas publicações em #VoicesAfrica.



Afrobarometer Despacho No. 370 | 24 de Junho 2020